

O GRUPO SUL NA LITERATURA CATARINENSE

LINA LEAL SABINO*

Se o florescimento da vida cultural brasileira foi moroso desde o seu princípio, atado às áreas mais densamente povoadas e desenvolvidas, muito mais lento foi o desabrochar de Santa Catarina. Durante os primeiros duzentos anos esta terra possuía escassas povoações:

- 1658 - Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco
- 1675 - Nossa Senhora do Desterro
- 1684 - Santo Antônio dos Anjos da Laguna

Ao lado destas, raras eram as freguesias espalhadas por esta Capitania. A atual cidade de Lages só foi surgir em 1766. Os navios faziam "Aguada" (abastecimento) e seguiam seu caminho. Viajantes, aventureiros, padres jesuítas e franciscanos em missão catequética entre os índios constituíram a povoação catarinense.

Não se pode esperar - culturalmente - outra manifestação que não a literatura de reportagem, de autoria de estrangeiros que relatavam aos seus países de origem o Novo Mundo que se lhes descortinava. Estes cronistas, oficiais ou não, fazem muitas referências à natureza, às festas populares, aos escravos, etc. e nada registram sobre a Arte ou a Literatura. Inclusive Paulo José Miguel de Brito, em seu livro "Memória política sobre a capi-

*Mestre em Letras - UFSC.

tania de Santa Catarina", escrito em 1816, refere-se à vida cultural catarinense nestes termos: não há sociedade literária alguma, não há colégios nem seminários; há somente um professor régio de Gramática Latina na Vila Capital e algumas escolas de primeiras letras; os homens ricos mandam seus filhos estudarem na Corte". Diz ainda que na capital há muitas pessoas de instrução mas que se instruíram na Corte ou fora do País.

Findava o século XVIII sem que se tivesse notícia de qualquer manifestação artística ou cultural que denotasse alguma efervescência literária.

Um episódio literário ocorre em 1816 quando vem para Desterro o juiz-de-fora Ovídio Saraiva de Carvalho e Silva. Doutor e poeta, organiza um concurso literário no qual se inscrevem quatro poetas, incluindo-se ele próprio. Consta de um soneto à moda arcáde. As Arcádias ou Academias haviam florescido, no Brasil e na Europa, no século anterior, revivendo os valores estéticos da Antigüidade greco-latina, como equilíbrio, simplicidade, harmonia das formas e, sobretudo, o cultivo do soneto. Agora, ao despontar do século XIX, colhia-se nesta Terra, um fruto poeticamente tardio. As primeiras inquietações pré-românticas ganham corpo no País e, em Santa Catarina, eleva-se um pedestal ao gosto arcádico.

Como uma espécie de consequência natural deste vago pós-maturo, passam a desfilar as escolas - as ditas literárias - extemporaneamente.

O ano de 1822 desencadeia, com a Proclamação da Independência, um interesse pelo progresso, pelo desenvolvimento, pela cultura.

Em 28 de julho de 1831 surge o primeiro jornal: "O Catharinense". No ano seguinte aparecem "O Expositor" e "O Benfasejo". Desterro, elevada à categoria de cidade por decreto imperial, funda escolas primárias gratuitas.

A "Capitania", do período colonial torna-se, a partir do período imperial, "Província de Santa Catarina". Vêm os imigrantes, a província estende suas povoações, crescem a agricultura e o comércio.

Em 1836, surge o Romantismo no Brasil com a publicação da obra "Suspiros Poéticos e Saudades", de Gonçalves de Magalhães.

Surge como movimento nacionalista, a literatura mergulhando nas raízes brasileiras, por exemplo, o indianismo de José de Alencar em "Iracema", "O Guarani", "Ubirajara". Em Santa Catarina, porém, até findar-se a primeira metade do século XIX não existia nenhuma sociedade científica, literária ou congênere. Permanecia o gosto árcade na poesia e permaneciam os traços gongóricos na prosa.

Data desta época a polêmica entre Marcelino Antonio Dutra, chamado de "O Poeta do Brejo" e Arcipreste Paiva (deputado, padre, orador sacro, professor de Latim e Francês). Dedicaram-se à acirrada polêmica político-partidária, retratada por Marcelino Antonio Dutra naquele que foi provavelmente o primeiro livro de um autor de Santa Catarina: "A Assembléia das Aves".

Na segunda metade do século XIX, quando o Brasil se embebe de ciência, verdade e crueza dos fatos, vivendo o Realismo literário, nas paragens catarinenses inaugura-se a Escola Romântica.

A partir de 1850, a Capital da Província ganha novo aspecto: restaura-se o Liceu Provincial, cria-se a Escola de Aprendizes-Marinheiros, lança-se a pedra fundamental do Teatro Santa Isabel (hoje Teatro Álvaro de Carvalho), cria-se a Biblioteca Pública.

Vários jornais circulam e publicam autores românticos, como José de Alencar, Macedo, Castilho e Herculano.

A 8 de outubro de 1862, funda-se a primeira sociedade literária, de cunho romântico, inspirada em autores portugueses principalmente, e, em parte, em autores românticos nacionais. Nosso romantismo foi livresco, com pálidos reflexos do veio nacionalista e do sentimento avassalador da liberdade. Dentre os românticos: José Elisiário da Silva Quintanilha, Júlia da Costa, Lacerda Coutinho, Luís Delfino e outros. Há que se registrar os ultra-românticos, já no início do século XX: Delminda Silveira, Trajano Margarida, Castorina Lobo São Thiago e Ildefonso Juvenal.

No final do século XIX, um fato contribui para que a literatura catarinense experimente algo de novo na arte de escrever. Em 1883 Francisco Luiz da Gama Rosa é nomeado Presidente da Província de Santa Catarina (vale dizer, em termos atuais - Go-

vernador do Estado). Homem culto, vindo da Corte, de onde traz novidades, que passa a divulgar em seus serões literários: Darwin, Zola, Spencer. Os jovens Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo e Cruz e Sousa logo aderem ao que passam a chamar de Idéia Nova, um movimento destinado a banir o Romantismo das letras catarinenses e instalar o Realismo literário. Tem lugar a célebre polêmica que confronta românticos com realistas, os quais se digladiam pelas páginas dos jornais locais. Defendendo o Romantismo, Eduardo Nunes Pires que, além de poeta romântico era político oposicionista; defendendo a Idéia Nova, Virgílio Várzea e os demais moços frequentadores dos serões literários do Presidente da Província.

Gama Rosa retorna à Corte, os polemistas acalmam-se, absorvidos por outras atividades. Todavia, houvera uma sincera efervescência cultural, ainda que efêmera. A questão da Idéia Nova atiga os talentos dos jovens intelectuais que, a partir daí, amadureceriam suas potencialidades. Cruz e Souza evolui para o simbolismo e torna-se o maior poeta simbolista em nível nacional.

Inicia-se o século XX e o Brasil aspira em largos sorvos o clima modernista, deflagrando-se em São Paulo, em 1922, o Movimento como tal.

Em Santa Catarina, novamente o silêncio. Estas duas primeiras décadas transcorrem em branco. As letras catarinenses encontram-se contaminadas por um Romantismo tardio e renitente. Não há escolas de nível superior, somente alguns cursos secundários humanísticos ou técnicos. Não há editoras, não há livros novos na Biblioteca Pública e nem livrarias para adquiri-los.

Um punhado de moços, alunos do Ginásio Catarinense, pressas de inquietude cultural, procura fazer algo em prol de tão estagnado ambiente. A formação que lhes legam seus mestres, as leituras a que têm acesso (Machado de Assis, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Eça de Queirós) direcionam-nos para os problemas ligados à Arte e Literatura, levam-nos ao que lhes pareceu mais benéfico para reavivar a cultura desterrense: uma academia literária.

Imbuídos de elevados ideais, sem dar-se conta do anacronismo que cometem, aliás, mais um, historicamente observando-se, **fundam** uma Academia enquanto em São Paulo os intelectuais achin-

calham este tipo de sociedade.

Mário de Andrade publica a "Paulicéia Desvairada", Manuel Bandeira ironiza o parnasianismo com seu poema "Os Sapos" e os catarinenses cuidam em compor sonetos parnasianos, caprichosamente metrificadas.

José Boiteux, Altino Flores, Barreiros Filho e outros tomam conhecimento da existência do Modernismo, mas não aderem. Não acreditam que "aquelas garatujas" possam ser chamadas de Arte. Para eles só há uma, a Arte Clássica. "Não há duas Artes como não há dois umbigos".

O GRUPO SUL

Repassamos, em sucintas palavras, a cronologia dos acontecimentos que marcaram a História Literária catarinense. Pode-se facilmente observar que, se a própria colonização desta Terra foi lenta e posterior ao restante da faixa litorânea brasileira, não poderia ser diferente o desenvolvimento cultural.

A Capital catarinense esteve geográfica e culturalmente ilhada do resto do País até o início do século XX. As notícias dos eventos literários aqui chegaram sempre com atraso.

Deste modo, o panorama que antecede o aparecimento do Grupo Sul mostra-se, historicamente, desolador. Sua tarefa seria a mesma tarefa de quantos o antecederam: varrer da paisagem uma moda literária que floresceu serodidamente, fincou raízes e estagnou, esquecida de acompanhar o mundo além de seus limites.

Desejamos examinar aqui a maneira com que o Grupo Sul desincumbiu-se desta missão. Se o fez meteoricamente, tal como seus antecessores. Se deixou marcas profundas.

Na década de 20, os moços que fundaram a Academia Catarinense de Letras e difundiram o Realismo/Parnasianismo eram alunos, rapazes de pouca idade e muita sede cultural. Na década de 40, eles são professores nos colégios em que haviam estudado e nas Faculdades que despontam: Representam a cultura oficial, têm espaço nos jornais locais e permanecem fiéis à postura clássica dentro da qual foram moldados.

A nova geração, formada por seus jovens alunos e outros

jovens, embrenha-se por suas próprias leituras, descobre que existiu - e existe - algo que não lhes foi ensinado. Descobrem Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira. Descobrem os valores estéticos do Modernismo e, com a audácia febril característica dos jovens, arvoram-se em seus intrépidos defensores.

Cinco intelectuais são os iniciadores de tal Movimento. Quatro moços - Salim Miguel, Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva e Antonio Paladino - e Aníbal Nunes Pires, que era professor, mais velho que eles. O Grupo ganha novos elementos com Élio Ballstaedt, Walmor Cardoso da Silva, Alchibaldo Cabral Neves, Cláudio Bousfield Vieira e outros.

Textualmente, um artigo da Redação do "Folha da Juventude", intitulado "A Juventude de Florianópolis e a Campanha da Arte Moderna", diz, no nº 6, em 1947:

"E é, agora, depois de passados 25 anos do seu aparecimento, que se faz, pela primeira vez em Florianópolis, a Campanha em prol da Arte Moderna, senhores leitores."

Um quarto de século depois, sinal de que as coisas estavam melhorando. A Literatura já estivera cinqüenta anos defasada no período Lealista e tivera com cem anos de atraso sua manifestação arcádica!

Em janeiro de 1948 o Grupo lançou SUL - a Revista do Círculo de Arte Moderna, nome com que se deram a conhecer. Porém passaram a ser chamados "o grupo da Revista SUL", "o Grupo de SUL" e, finalmente, cristalizou-se a denominação com que passaram à História da Literatura: "Grupo SUL".

Esta Revista dura trinta números, o último datado de dezembro de 1957, circula no início de 1958.

Dez anos dura a Revista, dez anos dura o Grupo SUL. Trata-se, pois, do mais longo movimento de que se tem notícia nas Letras Catarinenses. No decorrer dos tempos, novos nomes vão a ele se somando: Guido Wilmar Sassi, Silveira de Souza, A. Boos Jr., Hugo Mund Jr., Hiedy de Assis Corrêa, Ernesto Meyer Filho e tantos outros.

Além da Revista SUL, os integrantes do Grupo dedicaram-se a múltiplas atividades culturais.

Fazem teatro, liderados neste setor por Ody Fraga. Tea-

tro moderno, escandalizando o público acostumado às comédias e aos dramalhões. Encenam peças de Pirandello, de Bernard Shaw, de Sartre; e peças de autoria de rapazes do Grupo, como Ody Fraga. Por si só já escandaliza a sociedade local a presença de moças no elenco (Eglê Malheiros, Lígia Moellmann) pois "moças de família" deveriam ficar na platéia, jamais sobre o palco.

Nas décadas de 40 e 50 o cinema adquire som e cor, ganha mercado, expande-se mundialmente. Filmes americanos, franceses, ingleses, italianos, suecos, noruegueses e outros invadem o Brasil, cuja incipiente indústria cinematográfica não reúne condições para competição. Reagindo à linha comercial de maus filmes proliferam os Clubes de Cinema, interessados em educar o público, em divulgar filmes de boa qualidade cultural.

O Grupo SUL engaja-se neste mister. Mantém intercâmbio com cine-clubes de outros Estados e até constitui uma companhia cinematográfica para fazer seu próprio filme. Este intitulou-se "O Preço da Ilusão" e para Salim Miguel, "o preço foi uma verdadeira ilusão". A fita, concretizada sob pesados esforços, sofreu falhas técnicas em sua montagem e não pode ser exibida na rede comercial de cinemas. Armando Silvio Carreirão leva sete anos fazendo cine-jornais para pagar empréstimos bancários contraídos com a feitura da película.

Este filme representa o ápice dos esforços de SUL no sentido de contribuir para a realização de bons espetáculos cinematográficos, voltados para a realidade brasileira, dentro da linha de crítica social do "Cinema Novo".

Com relação às Artes Plásticas, o Grupo também marca sua participação. A Revista SUL divulga modernistas, como Picasso, Chagall, Cezanne, Mondrian, etc. Abriga ainda jovens modernistas de seu tempo: Bruno Giorgi, Moacir Fernandes. Falta, contudo, um elemento que polarize a atividade plástica. Nos primeiros anos não há, na pintura, como há na literatura um Salim Miguel ou no teatro um Ody Fraga. Na fase final, vários artistas plásticos que, estimulados pelo espírito de SUL haviam exposto a público suas obras, resolvem unir-se e fundar um grupo próprio, centrado na Arte, seu interesse maior. Nasce em 1958, o GAPF - Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis, realizando-se, neste mesmo ano, a primeira exposição coletiva

de seus nove fundadores: Hugo Mund Jr., Ernesto Meyer Filho, Tércio da Gama, Pedro Paulo Vecchietti, Hiedy de Assis Corrêa, Rodrigo de Haro, Thales Brognoli, Aldo Nunes e Dimas Rosa. O Grupo SUL se dissolve, mas a Arte ganha talentos vários, nascidos em SUL e confirmados com o passar dos tempos, hoje engrandecendo o cenário brasileiro.

A principal preocupação do Grupo SUL volta-se para a Literatura. Seus participantes não se satisfazem com publicações periódicas (jornais, revistas). Enfrentam o desafio de verter em livros sua veia modernista numa terra em que sequer editoras há. Concebem dois planos editoriais - os Cadernos SUL e as Edições SUL. Chegam a publicar sete volumes da primeira coleção e oito da segunda. Poesia, conto, romance, ensaio, teatro, escritos pelos integrantes do Grupo. Utilizam as dependências da Imprensa Oficial e, após o expediente, compõem e imprimem seus livros. Buscam dar-lhes feição modernista, na forma e no conteúdo. Alguns o conseguem mais, outros menos, outros, nem tanto. De qualquer forma, um estilo que não revelasse aprimorada forma clássica e conteúdo firmado na clareza, na lógica e na linearidade, viria a ferir os padrões estético-literários vigentes. É o que ocorre, como veremos a seguir.

Árdua polêmica se estabelece entre os Novos (Grupo SUL) e os Velhos (Geração da Academia), de julho de 1949 a maio de 1950.

Para Altino Flores, os Novos cometem a barbaridade que chamam de "Arte Moderna" por serem incapazes de compreender e praticar a "verdadeira" Arte. Eles redarguem que "O Sr. Flores, por mais copioso e arguto que seja, vive em 1900. Por isso não vale a pena discutir com ele as correntes literárias posteriores a esta data" (O Estado, 04/04/50).

Para Othon d'Eça, os jornais e revistas modernistas não custam aos rapazes "senão o esforço conjugado de alinhar, sob quadros em que há bananas parecidas com garrafas e garrafas semelhantes a tatus, algumas palavras insonoras, sem polimento, como tiras de camurça..." (O Estado, 21/11/50).

Intransponível o abismo estético e ideológico entre os contendores. No calor da discussão não medem palavras para defender seus postulados, suas crenças. A ironia de Altino Flo-

res encontra a irreverência dos moços de SUL e do choque resultam agressões mútuas, verbalmente violentas.

Élio Ballstaedt ridiculariza a Academia Catarinense de Letras, compara-a a um subúrbio atrasado, embora constituído de "casinhas bonitinhas" e debocha da imortalidade dos acadêmicos: "Desejam viver eternamente fiéis ao seu subúrbio. Morrer nele. Ser enterrados nele. Ter uma estátua nele. Caso não uma estátua, ao menos uma rua. Serve um beco" (O Estado, 29/11/49).

A certa altura, debatendo a questão de conhecimento de idiomas, atacam impiedosa e irreverentemente: "Perguntamos nós: saberá alemão o Sr. Flores? E também grego? Será possível! Presupúnhamos ser ele ignorante apenas em português e francês. Um dia apareceu-nos se inculcando como também sendo em alemão. E agora parece que também o pretende ser em grego. Convenhamos que é demais: - Ignorante em quatro idiomas!" (O Estado, 16/04/50. Isto dá-se em abril de 1950 e em maio é cancelada a Página Literária que os modernistas mantinham n'O Estado. Passa para as mãos de Othon d'Eça, em 1951, o qual se dedica a defender a Arte Clássica e a atacar energicamente a Arte Moderna.

Após dez anos de duração o grupo dissolve-se. Alguns elementos foram saindo ao longo do tempo, como Ody Fraga que em 1950 se mudou para o Rio de Janeiro e depois para São Paulo, passando a dedicar-se ao cinema. Outros haviam se juntado à turma nos anos finais, como Silveira de Souza (situado entre os "novíssimos de SUL"). Alguns, como Salim Miguel e Eglê Malheiros no Grupo estiveram desde o início até o fim.

Cada qual perseguiu o seu destino: deixando a Literatura para dedicar-se à carreira jurídica, como Walmor Cardoso da Silva; confirmando sua vocação literária como Guido Wilmar Sassi, Salim Miguel, Silveira de Souza e outros cujos nomes se projetam hoje, no cenário nacional.

O Grupo SUL fez convergirem duas linhas que corriam distanciadas. A linha cronológica e cultural da Literatura Catarinense juntou-se à linha cronológica brasileira e universal. Isto é, o Grupo SUL tirou nossa Literatura do século passado e trouxe-a para o século em que deveria estar - o século XX.

BIBLIOGRAFIA

- MELO (filho) Osvaldo Ferreira de. **Introdução à história da literatura catarinense.** Porto Alegre, Ed. Movimento, 1980.
- SABINO, Lina Leal. **Grupo SUL: O Modernismo em Santa Catarina.** Florianópolis, Fundação Catarinense da Cultura, 1981.
- SACHET, Celestino. **A literatura de Santa Catarina.** Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1979.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro.** 2.ed., Petrópolis (RJ), Vozes.